URBAN NOMADES BRASIL

Projeto Lê Papuchá Kalinka – Esperança e Resiliência

NOTA TÉCNICA Nº 001/2026 — ANEXO III

SOBREVIVENTES E TESTEMUNHOS: FICHAS BIOGRÁFICAS DOCUMENTADAS

Guarulhos – São Paulo – Brasil
2026

1. FINALIDADE E CRITÉRIO DOCUMENTAL

Este Anexo integra a Nota Técnica nº 001/2026 — Barô Mudaripen/Samudaripen: Memória, História, Educação e Direitos Humanos no Brasil. Seu objetivo é apresentar fichas biográficas de pessoas Roma e Sinti cuja trajetória está documentada em instituições de memória, arquivos, obras autobiográficas ou pesquisa histórica especializada.

As fichas não pretendem transformar uma experiência individual em representação de todas as vítimas. Cada trajetória é tratada como singular. Somente são incluídas informações que puderam ser associadas a fontes identificáveis.

Testemunho e biografia não são sinônimos. Sobreviventes podem testemunhar a própria experiência; vítimas assassinadas, como Anna Maria “Settela” Steinbach, são apresentadas por meio de documentação histórica e de pesquisas posteriores. Essa distinção é mantida ao longo do Anexo.

Não se atribuem a vítimas ou sobreviventes episódios, objetos, falas ou memórias sem fonte verificável. Recursos artísticos contemporâneos do Projeto Lê Papuchá Kalinka são tratados separadamente da documentação histórica e não são apresentados como objetos produzidos por sobreviventes em campos nazistas sem fonte específica.

2. CEIJA STOJKA (1933–2013) — ROMNI LOVARA

Ceija Stojka nasceu em 23 de maio de 1933, em Kraubath an der Mur, na Estíria, Áustria. Pertencia a uma família Lovara Roma.

Durante a perseguição nacional-socialista, sobreviveu aos campos de Auschwitz-Birkenau, Ravensbrück e Bergen-Belsen. Sua experiência de perseguição e sobrevivência tornou-se posteriormente parte central de sua produção escrita e artística.

No final da década de 1980, Stojka passou a ter atuação pública de destaque no movimento Roma austríaco e em iniciativas de educação sobre o genocídio. Em 1988 publicou Wir leben im Verborgenen: Erinnerungen einer Rom-Zigeunerin, obra autobiográfica reconhecida como pioneira na Áustria por registrar, a partir de uma voz Romani, a perseguição nacional-socialista.

Além da escrita, produziu pinturas, desenhos, poemas, música e participou de oficinas com estudantes. Sua obra relaciona memória familiar, vida Lovara, perseguição, campos de concentração, sobrevivência e pós-guerra.

Para esta Nota, Ceija Stojka é especialmente relevante porque demonstra como o testemunho de uma sobrevivente pode atravessar diferentes linguagens — autobiografia, arte, oralidade e educação — sem deixar de permanecer ligado à experiência individual e familiar.

Fontes-base: RomArchive — Ceija Stojka; RomArchive — Romani Literature in Austria; obras autobiográficas de Ceija Stojka.

3. PHILOMENA FRANZ (1922–2022) — SINTIZA

Philomena Franz nasceu em 1922, em Biberach, Alemanha, em uma família Sinti de músicos e artistas com raízes estabelecidas no país.

Na juventude, participou das atividades artísticas da família. A perseguição racial interrompeu essa vida: documentos e instrumentos foram confiscados e, em 1943, Franz foi deportada para Auschwitz.

Depois de passar por campos de concentração, incluindo Ravensbrück, conseguiu escapar em 1945 de um campo próximo a Wittenberge e sobreviveu escondida com auxílio de um agricultor alemão. Após a guerra, soube que grande parte de sua família havia sido assassinada.

Décadas depois, começou a falar publicamente sobre a perseguição. Em 1985 publicou Zwischen Liebe und Hass: Ein Zigeunerleben, registrando suas memórias de família, perseguição e encarceramento.

Sua trajetória é particularmente importante para compreender tanto a sobrevivência quanto a dificuldade de reconhecimento e reparação enfrentada por Sinti e Roma depois de 1945. Também demonstra o papel do testemunho na educação das gerações posteriores.

Fonte-base: RomArchive — Philomena Franz; obras de Philomena Franz.

4. OTTO ROSENBERG (1927–2001) — SINTO

Otto Rosenberg nasceu em 1927 e cresceu em Berlim. Aos nove anos, foi levado com sua família para o campo de confinamento forçado de Berlin-Marzahn.

A partir de 1940 foi submetido a trabalho na produção de armamentos. Em 1943 foi deportado para Auschwitz-Birkenau.

Rosenberg sobreviveu à perseguição, mas foi o único sobrevivente entre onze irmãos. Depois da guerra, dedicou-se à luta pelo reconhecimento social de Sinti e Roma e pela reparação das vítimas da perseguição nazista.

Foi cofundador e presidente por muitos anos da associação regional de Sinti e Roma de Berlim-Brandenburg e atuou também em educação de jovens e adultos.

Sua memória foi publicada em Das Brennglas, obra baseada em suas recordações. Sua trajetória mostra que o testemunho do genocídio se relaciona também com a luta pós-guerra por cidadania, reconhecimento e reparação.

Fonte-base: Stiftung Denkmal für die ermordeten Juden Europas — materiais biográficos sobre Otto Rosenberg; memórias de Otto Rosenberg.

5. WALTER STANOSKI WINTER (1919–2012) — SINTO

Walter Stanoski Winter nasceu em 19 de junho de 1919 e cresceu em uma família Sinti. Antes da deportação, foi convocado para o serviço militar alemão, mas acabou excluído por razões raciais.

Em março de 1943, foi deportado com seus irmãos Erich e Maria para Auschwitz-Birkenau. No setor BIIe conheceu Rosa, conhecida como Bluma Schubert, com quem realizou uma união simbólica.

Em 1944, Winter e familiares foram transferidos para o complexo de Ravensbrück. Posteriormente, ele e seu irmão foram levados a Sachsenhausen e, nos últimos meses da guerra, foram forçados a servir em unidade militar especial. Walter e seus irmãos Erich e Maria sobreviveram; Bluma e sua filha recém-nascida morreram em Ravensbrück.

Fontes institucionais registram Walter Winter também no contexto da resistência de Roma e Sinti em Auschwitz-Birkenau. Sua biografia é especialmente importante porque combina perseguição racial, serviço militar anterior à deportação, Auschwitz, Ravensbrück, Sachsenhausen e a luta posterior pela preservação da memória.

Suas memórias foram publicadas como WinterZeit: Erinnerungen eines deutschen Sinto, der Auschwitz überlebt hat.

Fontes-base: Gedenkstätte Deutscher Widerstand; Ravensbrück Memorial — exposição digital sobre Walter Stanoski Winter; Walter Stanoski Winter, WinterZeit.

6. ANNA MARIA “SETTELA” STEINBACH (1934–1944) — SINTIZA, VÍTIMA

Anna Maria “Settela” Steinbach nasceu em 23 de dezembro de 1934, nos Países Baixos. Era uma menina Sinti.

Em maio de 1944, Settela e membros de sua família foram presos e levados ao campo de trânsito de Westerbork. Em 19 de maio de 1944, foi deportada de Westerbork para Auschwitz-Birkenau juntamente com outros Sinti e Roma.

Pouco antes da partida, Rudolf Breslauer, prisioneiro judeu que realizava filmagens no campo por ordem do comandante de Westerbork, registrou a imagem de uma menina olhando pela abertura de um vagão. Durante décadas, a menina foi apresentada publicamente como uma vítima judia não identificada.

Pesquisa conduzida pelo jornalista neerlandês Aad Wagenaar, com contribuição decisiva de pessoas Sinti que reconheceram a história, permitiu identificar a menina em 1994 como Settela Steinbach. A restituição de seu nome modificou a interpretação de uma das imagens mais conhecidas das deportações a partir de Westerbork.

Settela foi assassinada em Auschwitz-Birkenau junto com membros de sua família. Ela não é incluída neste Anexo como sobrevivente, mas como vítima cuja identificação posterior demonstra a importância da pesquisa histórica para devolver nome, pertencimento e trajetória a pessoas transformadas em imagens anônimas.

A Westerborkfilm, da qual sua imagem faz parte, foi inscrita no Registro Memória do Mundo da UNESCO em 2017.

Fontes-base: Herinneringscentrum Kamp Westerbork; UNESCO Netherlands — Westerborkfilm; documentação educativa sobre o genocídio de Sinti e Roma.

7. O QUE ESTES TESTEMUNHOS PERMITEM COMPREENDER

As trajetórias reunidas neste Anexo não constituem amostra estatística nem pretendem representar todas as experiências Roma e Sinti durante o nacional-socialismo.

Elas permitem, entretanto, visualizar dimensões diferentes da perseguição: infância, deportação, confinamento familiar, trabalho forçado, campos de concentração, resistência, sobrevivência, perda familiar, silêncio pós-guerra, produção artística, autobiografia, educação e luta por reconhecimento.

Também demonstram por que a memória não pode ser construída apenas a partir dos documentos dos perpetradores. Arquivos administrativos registram prisões, transportes e classificações; testemunhos e memórias permitem recuperar relações familiares, experiências pessoais e formas de sobrevivência que a burocracia persecutória não tinha interesse em preservar.

8. PRINCÍPIOS PARA USO DE TESTEMUNHOS

- atribuir cada relato à pessoa e à fonte correspondente;
- não combinar experiências de diferentes sobreviventes em uma narrativa única;
- não criar falas ou detalhes para preencher lacunas documentais;
- distinguir testemunho direto de reconstrução historiográfica;
- informar quando determinada lembrança foi registrada décadas depois dos acontecimentos;
- respeitar divergências entre testemunhos sem presumir má-fé;
- evitar utilizar sofrimento individual apenas como recurso emocional;
- contextualizar fotografias, documentos e trechos autobiográficos;
- preservar a autodenominação e o pertencimento documentado de cada pessoa;
- não utilizar uma vítima ou sobrevivente como representante de todos os Roma e Sinti.

9. FONTES DOCUMENTAIS DE REFERÊNCIA DO ANEXO III

- ROMARCHIVE. Ceija Stojka. Perfil biográfico, bibliografia e documentação de sua produção artística e memorialística.
- ROMARCHIVE. Philomena Franz. Perfil biográfico, bibliografia e documentação de sua trajetória como sobrevivente e escritora.
- STIFTUNG DENKMAL FÜR DIE ERMORDETEN JUDEN EUROPAS. Materiais biográficos sobre Otto Rosenberg.
- GEDENKSTÄTTE DEUTSCHER WIDERSTAND. Walter Stanoski Winter. Biografia e materiais sobre resistência de Sinti e Roma.
- MAHn- UND GEDENKSTÄTTE RAVENSBRÜCK. Walter Stanoski Winter. Exposição digital sobre deportação, encarceramento e pós-guerra.
- HERINNERUNGSZENTRUM KAMP WESTERBORK. História e documentação de Anna Maria “Settela” Steinbach.
- UNESCO NEDERLAND. Westerborkfilm. Registro Memória do Mundo.
- STOJKA, Ceija. Wir leben im Verborgenen: Erinnerungen einer Rom-Zigeunerin. Viena, 1988.
- FRANZ, Philomena. Zwischen Liebe und Hass: Ein Zigeunerleben. 1985.
- WINTER, Walter Stanoski. WinterZeit: Erinnerungen eines deutschen Sinto, der Auschwitz überlebt hat. Hamburgo, 1999.

As referências completas, edições consultadas e endereços institucionais constam do Anexo VII — Referências bibliográficas e documentais ampliadas.

CRÉDITOS

Coordenação e responsabilidade institucional	Sandra Fabrícia Cândido Teodoro
Autoria e elaboração técnica	Sandra Fabrícia Cândido Teodoro
Coautoria	Michel Luiz Kriston
Pesquisa histórica e documental	Sandra Fabrícia Cândido Teodoro e Michel Luiz Kriston
Pesquisa de campo — Missão Internacional de Memória 2024	Sandra Fabrícia Cândido Teodoro e Michel Luiz Kriston
Revisão histórica e documental	Sandra Fabrícia Cândido Teodoro
Realização institucional	Urban Nomades Brasil — Projeto Lê Papuchá Kalinka – Esperança e Resiliência

Guarulhos – São Paulo – Brasil
2026